

Rádio e fado: biografias de sons e lembranças



Amália Rodrigues. Jorge Rosa. Caricatura. S./d.

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP (PPGCOM - ESPM). É autora, entre outros livros, *A memória na mídia: a evolução dos memes de afeto*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001. monicarfnunes@espm.br

Rádio e fado: biografias de sons e lembranças

Radio and *fado*: biographies of sounds and memories

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Resumo

Com base na teoria semiótica da cultura e da mídia e suas interfaces com as teorias do consumo, este trabalho apresenta parte dos resultados finais da pesquisa, Rádio e memória em programas portugueses, desenvolvida junto ao Centro de Estudos em Música e Mídia (Musimid/ECAUSP) como parte integrante da pesquisa coletiva, Trago o fado nos sentidos (CNPq - Edital Universal). Este paper analisa o diálogo entre a permanência e as transformações desta programação, em São Paulo, com a história da imigração portuguesa para a cidade paulista, a história de vida de seus ouvintes, representada pela biografia de uma das entrevistadas, e a discussão do consumo simbólico e afetivo do fado que fala à memória sonora do imigrante para reconstruir imaginária e simbolicamente seu lugar de origem.

Palavras-Chave: Rádio; Fado; Memória; Imigração portuguesa.

Abstract

Based on the semiotic theory of culture and media as well as the interfaces with consumption theories, this study presents part of the final results of the research, 'Radio and memory in Portuguese programs', conducted at the Center of Studies in Music and Media (Musimid-ECAUSP) as part of the collective search 'Bring the fado in the senses' (CNPq - Edital Universal). This paper evaluates the dialogue between continuity and changes of these programs broadcast in São Paulo on the history of the Portuguese immigration to the city of São Paulo, life experiences of the audience represented by the biography of one of the participants, and the discussion about the symbolic and emotional consumption of fado, approaching to the sound-related memory of immigrants to reconstruct, in imaginary and symbolic way, their country of origin.

Keywords: Radio; Fado; Memory; Portuguese immigration.

¹ Resultados finais das pesquisas, implantadas pelo MusiMid, estão publicados na coletânea *Canções d' além-mar: o fado e a cidade de Santos* organizada por VALENTE, Heloísa. Santos: Realejo/CNPq, 2008, no documentário, *Canção d'Além-Mar: o fado na cidade de Santos, pela voz de seus protagonistas* (Pletora Filmes, 2008). E no hipertexto *Canção d'Além-Mar: o fado na cidade de Santos: sua gente, seus lugares*. Santos: Realejo / FAPESP, 2009.



Já faz algum tempo que o Centro de Estudos em Música e Mídia, Musimid, do qual sou membro desde 2003, vem se dedicando às investigações sobre o fado¹ em terras brasileiras. Esta empreitada tem envolvido estudiosos de áreas diversas, como preza qualquer discussão que contemple os imbricamentos entre comunicação e cultura elegendo a linguagem

musical como objeto privilegiado. Como pesquisadora e docente na área de comunicação e práticas de consumo, enfatizando as estratégias, discursos e narrativas das produções midiáticas, tenho-me preocupado, neste projeto coletivo, em analisar as emissões radiofônicas paulistas que incluem a música portuguesa em suas programações.

No primeiro resultado da pesquisa intitulada Trago o fado nos sentidos: memória e significado nos trajetos de uma canção nômade, apresentei a hipótese de que o fado atua como marcador da memória do imigrante português. Com base nas letras musicais frequentemente selecionadas pelo programa radiofônico santista, Presença Portuguesa - idealizado, dirigido, produzido e apresentado pelo radialista e fadista, Manoel Ramos, falecido em 2010, e por sua esposa, também fadista, Lídia Miguez, que esteve na condução do programa entre 1941 até o seu encerramento, em 2011, ultimamente na Rádio Universal AM - foi possível reconhecer os códigos que participam da construção da memória cultural, de natureza simbólica, acionada e reinventada pelos ouvintes, imigrantes portugueses e seus descendentes.² Os temas da viagem, do mar e da cidade perpassam a maioria das canções e, por sua vez, também se comportam como códigos da memória, pois, os tempos rítmicos do mar e da viagem inseridos em um paradigma mitopoético, a rememoração do espaço deixado, por meio de letras que recontam as características de Lisboa, constroem a paisagem e a memória sonora mobilizadas pela *performance* dos intérpretes mais pedidos e da locução da Sra. Lídia Miguez.

O conceito de *performance* segue aqui as proposições de Paul Zumthor: “ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida aqui e agora”.³ O historiador entende que os elementos performanciais, tais quais o intérprete, o auditório, as circunstâncias, os ambientes, o texto posto em ação, as relações intersubjetivas mudam com o advento dos meios eletrônicos, auditivos ou audiovisuais – incluiríamos também os digitais. Os *media* abolem a presença da voz viva, sua taticidade, embora consigam reiterá-la indefinidamente. Entretanto, a *performance* mediatizada permite “uma espécie de ressurgência das energias vocais da humanidade, energias que foram reprimidas durante séculos do discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita”.⁴ No caso dos programas portugueses, no rádio, uma série de elementos vocais provocam, além do revivescimento da voz registrada, manipulada e repetida, certa insurgência: vozes de velhos quebram o silêncio: locutores fadistas ou radialistas há anos no ar, envelhecendo com grande parte de seus ouvintes; em programas ao vivo, convivem com intérpretes atemporais, a exemplo de Amália Rodrigues, convocada a todo tempo por boa parte do público.

Neste artigo, fruto do subprojeto, Rádio e Memória em Programas Portugueses, e que corresponde à segunda fase da pesquisa, apresento textos culturais diversos, como a história da imigração portuguesa para São Paulo, pontualmente traçada, e o mapeamento dos primeiros programas radiofônicos paulistas cuja grade de programação trazia fado, ranchos e notícias voltadas para a comunidade lusitana. Também aqui foram analisados os programas portugueses, atualmente no ar, na capital do estado de São Paulo. Duas outras dimensões compõem este debate: a história de uma ouvinte e a compreensão do consumo midiático, simbólico e afetivo do fado que fala à memória sonora do imigrante para reconstruir

²NUNES, Mônica. À escuta do fado: memórias de afetos e de vínculos. In: VALENTE, Heloísa, *op.cit.*, pp. 205-232.

³ZUMTHOR, Paul. *Introduction à la Poésie Orale*. Paris: Seuil, 1983, p. 32.

⁴ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.15.

⁵ VALENTE, Heloísa. *op.cit.*

⁶ ROCHA, Rose. Comunicação e consumo: por uma leitura política dos modos de consumir. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). *Comunicação e culturas do consumo*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 123.

⁷ VALENTE, Heloísa, *op.cit.*, p. 233.

⁸ Os fomentos para imigração foram suspensos em 1928, retomados em 1935 e as políticas de incentivo sofreram inúmeras transformações ao longo do século XX que escapam aos interesses deste trabalho. Para uma leitura completa destes procedimentos, consultar: FREITAS, Sônia Maria de. *Presença portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006; MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando; HECKER, Alexandre (Org.). *Deslocamentos e história: os portugueses*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2008. SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa: sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

⁹ *Idem, ibidem*.

imaginária e simbolicamente seu lugar de origem. Vale ressaltar que esta canção portuguesa assume a condição de mercadoria afeita aos propósitos da indústria fonográfica e do entretenimento, sedimentados na cultura midiática, a exemplo de sua colocação no mercado da *World Music* a partir dos anos 1990.⁵

Por ora, importa delimitar qual o sentido dado à palavra consumo, pois pertence a um vasto campo semântico e conceitual. Aproximo minhas articulações “à concepção de uma ‘imagética do consumo’ – terminologia que prevê uma interpretação menos focada em produtos ou serviços, em si, mas que considera a inserção do consumo em toda uma cena ou rede midiática, rizomática e dinâmica”.⁶

A escuta do fado constrói-se na fricção das imagens sonoras midiáticas, das condições técnicas e culturais dos meios de transmissão, de objetos e práticas tradicionais em si mesmos propulsores de uma imagética do consumo que promove identificações com Portugal, e obviamente, da história de vida de seus ouvintes. Paisagem de múltiplas produções de sentido.

Importa dizer que a fundamentação teórica que norteia este texto remonta aos conceitos da semiótica da cultura e da mídia e sua interface com as teorias do consumo.

A imigração: relatos (memoráveis) de signos de pertencimento

Gênero musical de vocação nômade “em virtude de sua forte capacidade de auto-transformação, de auto-tradução, isto é, de movência”,⁷ o fado percorreu inúmeros caminhos desde o seu nascimento, no início do século XIX, no Brasil, como dança de influência negra, deslocando-se, posteriormente, para Portugal onde se fixou, a partir de 1840, como canção tipicamente lisboeta, acompanhando também a migração portuguesa pelo mundo.

A partir das duas últimas décadas do século XIX, a emigração para o Brasil se tornou muito atrativa. Alguns fatores responderam decisivamente para o deslocamento dos portugueses para o país, além das condições de pauperização de Portugal: a abolição da escravidão, em 1888, trabalho livre e assalariado, e uma política imigratória que consistia no pagamento de despesas de viagem pelo governo brasileiro.⁸

Já no começo do século XX, era bastante expressiva a presença de portugueses em bairros antigos da cidade de São Paulo, como sinaliza Sônia de Freitas⁹, ao mapear Bom Retiro, Belenzinho, Mooca, Bexiga e Brás como localidades habitadas pelos lusitanos. Durante as décadas seguintes, os imigrantes foram se instalando em outros bairros da cidade, como Vila Gumercindo e o Itaim Bibi, formando chácaras onde homens e mulheres cultivavam verduras, legumes e frutas, assim como criavam vacas leiteiras para posterior distribuição de leite e verduras em carroças puxadas por burros e éguas. A figura do verdureiro, do leiteiro transitando em meio às ruas sem asfalto ou com paralelepípedos integra a memória urbana nos primórdios da urbanização da capital.

Entre as décadas de 1950 e 1960, o Brasil recebeu uma grande leva de portugueses em busca de uma vida melhor ou motivados pelo medo de servir às forças militares salazaristas que guerreavam nas colônias africanas. Por outro lado, a industrialização paulistana contribuía com

ofertas de trabalho. “Em 1950, residiam na cidade de São Paulo, 135.438 portugueses”¹⁰ habitando bairros tão distantes uns dos outros como Vila Carrão, na zona leste da cidade, concentrando em especial a presença de açorianos, ou bairros da zona norte, como Imirim e aqueles próximos ao Horto Florestal ou na zona sul, como Santo Amaro. Por volta de 1952, o antigo Jardim Ibirapuera foi nomeado Jardim Luzitânia e suas ruas receberam nomes de portugueses ou ligados à história de Portugal.¹¹ Atualmente, há portugueses e descendentes por toda parte.

A aceitação e integração ao país para o qual se emigrou é uma das características do povo português,¹² entretanto, há um acordo ambíguo entre o desejo de ficar e o de se manter preso às tradições e aos signos de pertencimentos à sua terra natal. Ainda que muitas pesquisas, centradas na metodologia da história oral, “levaram à revisão de interpretações homogeneizadoras sobre os processos migratórios para terras paulistas”,¹³ é legítimo afirmar a vitalidade dos laços afetivos, tácitos, entre os imigrantes, suas origens e as lembranças do país deixado.¹⁴

Conforme os autores citados nesta seção, a leitura dos jornais da colônia, as festas, músicas e os programas portugueses no rádio aparecem nos relatos memoráveis dos lusos no Brasil e, neste artigo, são tomados como exercícios de consumo midiático, considerado como “dinâmica sensível e formatadora de uma ampla cultura comunicacional”.¹⁵ Tais práticas de consumo midiático, do mesmo modo, são liames fundamentais à sobrevivência simbólica e imaginária dos imigrantes, em especial, os da primeira geração aportados nos trópicos no pós-guerra. Como veremos a seguir.

Biografia de sons: a midiaticização do fado em São Paulo¹⁶

A história da midiaticização do fado, em São Paulo, dialoga com a cultura portuguesa que, durante as décadas de 1950 e 1960, encontrara no rádio e na televisão, as mediações necessárias para os agenciamentos sociais de subjetivações da memória, simultaneamente, coletiva e individual.

A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente em 1950. Ao pesquisar sobre investimentos identitários e estatutários na programação musical da televisão de São Paulo, entre 1950 e 1960, Rita Morelli destaca a música portuguesa na programação da Rede Record de Televisão, já em 1954, acompanhando a música nacional, no programa intitulado O Fado e o Samba.¹⁷ Em 1958, outros programas traziam para a mídia signos da cultura portuguesa, a exemplo de Portugal no Mundo, produzido por Santos Mendes e pela atriz, poetisa e jornalista, Néa Simões, apresentado aos sábados na TV Tupi. Também produzido por Mendes, aos domingos, Portugal, Música e Notícia alimentava a memória e o imaginário dos portugueses que cá estavam.

Em 1964, estreava Caravela da Saudade, dirigido por Alberto Maria de Andrade e Wilson Bonifácio, apresentado por Júlio José de Freitas Andrade e transmitido pela TV Tupi de São Paulo. Estes programas tiveram longa permanência no ar, alcançando a década de 1970. Em 1974, Todos Cantam sua Terra surgia na Record, com exibições diárias, e com o guitarrista português, Manuel Marques, como destaque musical.¹⁸ Apresentação de canções, revelações de novos artistas, como Glória de Lourdes, quem se tornou expoente da música portuguesa, divulgação de grupos folclóricos, formados nas inúmeras associações e centros portugueses espalhados pela

¹⁰ LANG, Alice B. S. G.; DE-MARTINI, Zélia B. F. Imigrantes portugueses em São Paulo: história oral. In: MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando; HECKER, Alexandre (org.), *op.cit.*, p. 216.

¹¹ FREITAS, Sônia Maria de, *op.cit.*

¹² LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹³ LANG, Alice B. S. G.; DE-MARTINI, Zélia B. F., *op.cit.*, p.223.

¹⁴ *Idem, ibidem*; MATOS, Maria Izilda; ÂNGELO, Elis Regina B. Imigrantes açorianos em São Paulo: tempos, tradições e transformações. In: MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando; HECKER, Alexandre (Org.), *op.cit.*; PASCAL, Maria Aparecida. Imigração portuguesa em São Paulo: memórias, gênero e identidade. In: MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando; HECKER, Alexandre (Org.), *op.cit.*; FREITAS, Sônia Maria de, *op.cit.*; LOURENÇO, Eduardo. *op.cit.*

¹⁵ ROCHA, Rose, *op.cit.*, p. 120.

¹⁶ Parte da discussão apresentada nesta seção está publicada em Trago o fado nos sentidos – canção, memória portuguesa na rádio paulista, publicada com Heloísa Valente, na revista *Logos* vol.18, n.2 (2011, p. 72-83) disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/issue/current>> . Acesso em 12 de setembro de 2012. Devo esclarecer que no presente artigo foram incluídas as reflexões sobre a programação televisual referente à cultura portuguesa, entre os anos 60 e 70, e também sobre o rádio na internet – apontamentos inexistentes no artigo encaminhado à revista *Logos*.

¹⁷ MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. *Música na TV de São Paulo nas décadas de 1950 e 1960: investimentos identitários e estatutários*. Trabalho apresentado no XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR).

¹⁸ FREITAS, Sônia Maria de, *op.cit.*

¹⁹ *Idem, ibidem*

²⁰ No trabalho de LESSA MATOS, David. *O espetáculo da cultura paulista: teatro e tv em São Paulo. 1940- 1950.* São Paulo: Codex, 2002, há a indicação de que a partir de 1945, a Rádio Cosmos tornou-se Rádio América, entretanto, a pesquisa de FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação: rádio e tv no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1982 afirma que a rádio fora comprada, pela rádio Bandeirantes, com o respaldo de seu dono, o Governador Ademar de Barros.

²¹ Para preservar o documento, mantive o registro linguístico original independentemente das regras da norma culta da língua.

²² MATOS, Maria Izilda; ÂNGELO, Elis Regina B. *op.cit.*

capital, corroboraram o investimento econômico de realizadores audiovisuais na preservação das representações identitárias, especialmente o fado e seu campo sonoro-imagético, campo de consumo midiático e simbólico, sobre o qual falarei mais adiante.

Sônia de Freitas¹⁹ registra, igualmente, alguns depoimentos que indicam a audição de inúmeros quadros radiofônicos de grande popularidade. *Melodias Portuguesas*, apresentado pela fadista brasileira, Irene Coelho, fora criado, em 1941, por seu marido, o guitarrista Manoel Coelho, e exibido pela antiga Rádio Cosmos,²⁰ depois pela Rádio Piratininga, e, Rádio Nove de Julho, permanecendo no ar durante 65 anos, mudando de emissoras e com poucas interrupções. Em janeiro de 2008, era apresentado na Rádio Trianon.

Longe dos Olhos, Perto do Coração, idealizado por Júlio Pereira, já era transmitido em 1964, todos os dias pela Rádio Nove de Julho, conforme relatou um depoente, compositor e radialista, em entrevista por *e.mail*:²¹

Nessa época, o Julio já tinha seu programa, todas as manhãs no qual promovia a saudade de Portugal, com seus artistas tradicionais, dando vida e alegria a colônia Portuguesa de São Paulo. Falava muito do Manuel Marques, das Cantinas e promovia todas as festas e a vida social dos Portuguezes. Não me lembro muito bem, mais a Rádio 9 de Julho foi fechada pelo regime militar, acho que foi por volta de 1973, quando então todos perderam seus programas.

Saudades de Além-Mar, de Nuno Madeira, transmitido pela Rádio Record, e Horas Portuguesas, levado ao ar pela Rádio Panamericana, dirigido por João Fernandes e apresentado por sua esposa, Inez Fernandes, são alguns dos programas radiofônicos que acompanharam a chegada daqueles portugueses que escolheram o Rio de Janeiro e São Paulo como estados âncoras para sua fixação.

A grande comunidade pôde simbolicamente recuperar seus vínculos graças às associações e centros criados não apenas para estimular a sociabilidade entre seus membros, mas também para servir como mecanismo de controle e comunicação do governo salazarista e a divulgação de sua propaganda,²² em meio às atividades recreativas, inclusive as musicais, que evocavam lembranças da terrinha.

Porém, discutir se os programas radiofônicos da época contribuíram ou não para a propagação dos ideais do Estado Novo Português não é o objetivo deste trabalho. O que vale apontar, aqui, é a força dos signos sonoros marcadamente nas músicas selecionadas para as programações, como o fado, seus intérpretes, e mediadores, assumindo simultaneamente os papéis de fadista e de radialista, como a já citada Irene Coelho e também Abílio Herlander, Julio Pereira, Joaquim Pimentel, entre outros que fizeram a história dos programas radiofônicos portugueses no eixo São Paulo – Rio de Janeiro.

Porém o cenário propício para a expressão da cultura portuguesa na mídia radiofônica e mesmo televisiva lentamente foi se transformando. A partir dos anos 80, até os anos 2000, o rádio assistiu à segmentação e também a ausência de incentivos para manter sua programação: “registra uma queda de 8,1% para 4,9% na sua participação no bolo publicitário [...] procurando antepor-se a esta situação, a formação de redes de emissoras operando via satélite constitui-se, nas últimas décadas, em uma das ten-

dências do mercado radiofônico”.²³ Hoje, o rádio está também na *Web*, as mídiatizações se complexificam em camadas de fluxos sígnicos cada vez mais velozes, e os programas portugueses, forjados em antigos formatos, sujeitos a patrocínios irrisórios, estão paulatinamente desaparecendo.

O artigo de Cláudia Tulimoschi (2012)²⁴, “Música Portuguesa no Brasil – O Fim de uma Era”, denuncia o estado de muitos programas do rádio carioca dedicados à preservação da cultura portuguesa no Brasil, que pouco a pouco vêm perdendo apoio financeiro e não encontram saída além do encerramento, a exemplo do Programa Joaquim Pimentel, que foi ao ar pela primeira vez em outubro de 1942, pela Rádio Vera Cruz, e que desde 1978, ano da morte de seu fundador, era transmitido pela Rádio Bandeirantes do Rio de Janeiro por Antônio Campos e por Hélia Costa. O programa teve sua última emissão em fevereiro de 2010. A autora confirma o encerramento de outros quatro desde essa data e o encurtamento da duração dos que ainda permanecem.

Talvez, o processo de digitalização do rádio possa oferecer novos augúrios para tal situação: formatos mais especializados e dirigidos, maior número de canais de comunicação, designados como *microcasting*. Uso de *podcast* como programa em estilo radiofônico que pode ser baixado da internet e transferido para MP3 ou MP4, ideal para os celulares,²⁵ e outras possibilidades de transmissão radiofônica devem ser aventadas como modos de continuidade da cultura musical portuguesa no Brasil. Como fez a própria jornalista, Cláudia Tulimoschi, quem construiu a *Web Rádio Portugal*²⁶ como uma forma de tornar viável a manutenção deste gênero radiofônico.

Em meio a rupturas e propostas, é possível, ainda, mapear programas paulistas que rememoram musicalidades e falas que conectam seus ouvintes a escutas abandonadas há tempos no rádio. Muitos deles têm longa vida no ar, alguns inclusive irradiados na mesma emissora, como o Programa Portugal Trilha Nova, de José Francisco Varela Leal, que há 45 anos atua à frente dos microfones da Rádio ABC, 570 AM, Santo André, transmitido aos domingos, ao meio-dia.

Outros podem ser ouvidos todos os dias, como Portugal Dentro de Nós, na rádio Trianon (740Khz), produzido e apresentado por Adriana Cambaúva, brasileira, e por Martins Araújo, português da Ilha da Madeira, há 46 anos trabalhando no rádio e na televisão, como jornalista, e, hoje, depois de exercer muitas funções no rádio paulista, comenta o futebol português, as notícias atuais sobre Portugal e, ainda, traz uma programação musical baseada não apenas nos fados tradicionais, mas também no fado moderno, assim como ritmos pops que fazem sucesso além-mar, a exemplo da banda de *rock*, Xutos e Pontapés.

Em seu depoimento, o jornalista, que ainda carrega no sotaque lusitano, afirmou sua preocupação em não apenas reproduzir o tradicional, mas também de apresentar novidades musicais, graças às suas viagens periódicas a Portugal. Entretanto, confirma que a audiência, composta basicamente por luso-descendentes, prefere os antigos repertórios.

Já na Rádio Nove de Julho Católica AM, dois programas integram o painel lusófono no rádio: Caravela do Fado, apresentado, aos sábados à noite, por Padre Armênio, mesclando fados tradicionais e entrevistas e, Heróis do Mar, comandado mais uma vez por Martins Araújo, que há 11 anos nesta rádio, dedica a programação às notícias da comunidade lusitana,

²³ FERRARETO, Luiz Arthur. O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica. In: MAGNONI, Antônio ; CARVALHO, Juliano (org.). *O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital*. São Paulo: Senac, 2010, p.38.

²⁴ Disponível em <http://www.mundolusiada.com.br/CO-LUNAS/ml_artigo_660.htm>. Acesso em 16 de março de 2012.

²⁵ MOREIRA, Sônia Virgínia. Para além dos clichês: o Brasil e o contexto internacional da radiodifusão digital. In: MAGNONI, Antônio; CARVALHO, Juliano (Orgs.), *op.cit.*

²⁶ Disponível em <<http://webradioportugal.blogspot.com>>. Acesso em 02 de agosto de 2012.

²⁷ Informação disponível em < http://www.lusanet.com.br/10_anos_navegar_e_preciso.html>. Acesso em 10 de setembro de 2012.

²⁸ BAKHTIN, Mikhail. Estética de la creación verbal. México, Siglo 21, 1982, *apud* MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscú para o estudo da cultura*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.161.

²⁹ FERRARETO, Luiz Arthur. *op.cit.*

³⁰ MAGNONI, Antônio e CARVALHO, Juliano (orgs), *op.cit.*

³¹ Rádio Amália *OnLine*. Disponível em <<http://www.amalia.fm/radio-online/>>. Acesso em 10 de setembro de 2012.

à divulgação das festas nas associações e clubes portugueses, pontuados por uma programação musical que hibridiza os eternos sucessos e músicas menos conhecidas de seu público.

Assim como Cláudia Tulimoschi, Martins Araújo acredita no potencial da transmissão via internet, “temos ouvintes do mundo todo, o que facilita a divulgação da cultura portuguesa”, conclui. Porém, seus prognósticos contradizem a expectativa positiva da “webrádio: os velhos portugueses estão morrendo. Não há apoio da comunidade para os programas de rádio que estão acabando”, sentencia.

Na capital paulista, escutamos ainda outros programas que repetem o mesmo formato e sobrevivem a custos de seus idealizadores e mínimo patrocínio. Navegar é Preciso, transmitido pela Rádio Imprensa, 102,5 FM, desde 2000, foi proposto por cinco luso-descendentes, Emídio Tavares, Nelson e Rosângela de Paula, Lourenço e Simone Correia e contam, atualmente, com outros amigos do grupo Lusanet *que colaboram para o sonho de levar aos quatro cantos do planeta as raízes e origens do nosso mundo lusíada, jamais acabe*.²⁷ O Programa tem mais de 11 anos. No ar todos os domingos. Aqui, além dos fados tradicionais, das músicas folclóricas, discutem temas da História de Portugal, transmitem notícias sobre o futebol português e sobre o time paulista, Associação Portuguesa de Desportos, veiculam informações referentes às festas das associações e clubes de Portugal, elencando, sempre, os nomes dos patrocinadores.

Na Rádio Capital AM, Isabel Botelho e Fátima Macedo apresentam Portugal, a Saudade e Você, aos domingos pela manhã. Em 1985, Isabel Botelho integrou o programa de Julio Pereira, e, continuou no rádio mesmo depois da morte deste fadista e radialista. Fátima Macedo criou também o quadro Cantinho do Folclore, o que garante a tônica da programação, somado às canções mais conhecidas.

A despeito do processo histórico, cultural, tecnológico envolvendo as circunstâncias da midiáticação radiofônica do fado, signos organizados em textos culturais vencem simbolicamente a finitude humana, “pois, em cada cultura do passado vivem em estado de latência enormes possibilidades de sentido que ficaram intactos, sem serem compreendidos e sem serem inseridos no curso da cultura”.²⁸ Latência e permanência, em meio a cenários mutáveis. Esta é a movência e o nomadismo do fado.

Fado-fagulha. Apto a explodir, expandir-se, dilatar-se, multiplicar-se em escutas compartilhadas, conectado aos novos formatos em áudio e vídeo, *webrádios, podcastings*, no *Youtube.com* ou aos serviços de música disponíveis nos portais dos provedores da Internet, ao próprio rádio que se adapta aos meios digitais, enviando sinais de algumas emissoras hertzianas pela Internet, permitindo que cada ouvinte se torne uma estação de rádio.²⁹

Os formatos digitais dizem respeito, sobretudo, aos modos de consumo musical dos jovens, atestam algumas pesquisas.³⁰ Entretanto, as experiências de algumas rádios na Internet demonstram certas rupturas geracionais. A rádio Amália³¹, por exemplo, pode ser considerada a rádio dos mais velhos, a rádio dos taxistas, mas como diz uma de suas profissionais, em vídeo produzido pela rádio: É a rádio de todos os lisboetas, de todos os portugueses, dos imigrantes e de todos que gostam do fado. A fala, em *off*, que finaliza este vídeo, ainda que vinculado ao discurso promocional, recupera o essencial do rádio e, curiosamente, do fado – ao menos entre os imigrantes: um marcador da memória e como tal, organizador dos tempos

e dos espaços de nossas vidas: Hoje Lisboa ainda acorda e adormece todos os dias com a voz de Amália. E ouvintes de todo o mundo podem também amanhecer e dormir com ela em momentos bastante diferentes.

Fado-fagulha acionando lembranças, prolongando a própria vida nas *performances* neurobiológicas e sociais dos marcadores da memória, além das contingências, conforme nos mostra a seção adiante que traz fragmentos da história de vida de uma ouvinte.

Breve história de uma ouvinte

A história do rádio na era da televisão é mais do que a história das estações, redes de emissoras, formatos, operadores e reguladores. É a história dos ouvintes. Eles vivem em cidades, vilas e povoados, em vez de em mercados. E têm necessidades assim como poder de compra³² (grifos meus).

Harry Pross, cientista político e da comunicação, sistematizou uma Teoria dos Meios (ou da Mídia) que entende a comunicação como um tríplice processo de mediação: mediatização primária, em que os participantes contam com os recursos materiais de seus corpos (voz, sons, ruídos, gestos, odores) presencialmente; mediatização secundária, em que o corpo se torna suporte para as inscrições das culturas, marcas simples que ganham complexidade, dos sinais rítmicos marcados em ossos³³ aos sistemas mais sofisticados de escrita, superando distâncias temporais e espaciais; mediatização terciária, a partir do surgimento dos meios elétricos, aparatos técnicos criando mensagens para outros aparatos.³⁴

Independente do grau de complexidade da mediação, primária, secundária ou terciária, sempre há um corpo no início e no final de todo processo de comunicação, afirma Harry Pross. (...) Há aí uma cumulatividade na passagem da primária para a secundária e da secundária para a terciária, a secundária contém a primária e a terciária contém a secundária e a primária³⁵(grifos meus).

Uma voz canta. Um corpo conta e escuta. O corpo-mídia será igualmente tatuado pelos sentidos criados pela voz que soa do rádio, mídia terciária. Entrevistei Maria Lurdes, em meio a outras senhoras portuguesas, durante um dia festivo. Uma ouvinte assídua dos programas portugueses desde os anos de ouro da radiofonia.

Tempos depois daquele contato, telefonei para cumprimentá-la pela passagem de seu aniversário. Fazer 86 anos é também se dar conta de “que já se teve alguma graça e de que, agora, resta a sensação de que a morte está próxima”.³⁶ Mas mesmo assim, programas portugueses no rádio acompanhavam dias e noites daquela ouvinte.

Programas há anos comandados pelos mesmos locutores, como disse. Apresentadores que reencenam os homens-arquivos ou *mnemones*, da Grécia Arcaica. Tanto na mitologia como na lenda, o *Mnêmon* é um servidor do herói que o segue ininterruptamente para lembrar-lhe a ordem divina e evitar, assim, a morte.³⁷

Os homens-arquivos confundem suas vidas à do rádio e reconduzem a memória do ouvinte-imigrante às reinvenções do cotidiano que deixara, por meio das letras dos fados mais pedidos nos programas, dos sons da guitarra portuguesa, da voz de intérpretes que preservam este gênero de

³² FORNATALE, Peter e MILLS, Joshua E. *Radio in the television age*. Nova York: The Overlook Press, 1980, apud FERRARETO, Arthur, *op.cit.*

³³ LEROI-GOURHAN, ANDRÉ. *O gesto e a palavra: técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1985.

³⁴ BAITELLO JUNIOR, Norval. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia*. São Paulo: Paulus, 2010, pp.61-62.

³⁵ *Idem, ibidem*, pp.62-63.

³⁶ Depoimento da Sra. Maria Lurdes, por telefone. Julho de 2009.

³⁷ BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico de mitologia grega*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1991.

³⁸ Versos do fado *Tudo isto é fado*, de Aníbal Nazaré e F. Carvalho.

³⁹ FREITAS, Sônia de. *op.cit.*

⁴⁰ MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973.

⁴¹ Não faz parte do escopo deste artigo discutir os processos de mercantilização de fonogramas e afins, apenas fomentar o debate sobre o consumo simbólico e afetivo do fado midiático em programas de rádio, mas compreendendo, além de sua dimensão imaterial, a materialidade em seus modos de transmissão e de consumo.

⁴² NUNES, Mônica. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: Annablume, 1999.

⁴³ KOPYTOFF, Igor. A Biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (Org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

⁴⁴ APPADURAI, Arjun (Org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

canção atemporal, sujeito à difusão midiática, neste caso, a dos programas em pauta, e até mesmo por meio do anúncio de eventos nas associações e centros portugueses.

A cada entrada no ar, estes *mnemones* reconstróem a história do próprio ouvinte e a história daquela música com a qual ele se mantém conectado para superar seu próprio envelhecimento. À escuta destes amigos, há o convite ao restabelecimento de parcerias esquecidas: sons e sotaques de rimas antigas, “almas vencidas, noites perdidas, sombras bizarras...”³⁸ soando das transmissões fragilizadas pela baixa potência das emissoras paulistas que transmitem esta programação.

Maria Lurdes desembarcou em Santos com seu marido e subiu ao planalto em 1952, chamada por duas manas que já estavam no Brasil em busca de melhor sorte. Na década de 1950, os imigrantes portugueses conseguiam seu visto de entrada no Brasil de posse da “carta de chamada”, isto é, um contrato de trabalho já estabelecido no país, encaminhando aos que desejassem partir de Portugal.³⁹ Era a mais velha de nove irmãos. Cuidou de todos, ainda jovem, na Ilha da Madeira. Sem filhos, ficou viúva antes dos 50 anos, e, logo a seguir à morte de Fernando, inscreveu-se como voluntária do Hospital do Câncer. Morava sozinha em um apartamento na Vila Mariana. Ouvia rádio enquanto cozinhava semilhas e bifés de atum e também, à noite, antes de rezar o terço.

Após ser constatada uma grave insuficiência respiratória e um tumor no pulmão direito, foi internada e, posteriormente, transferida a uma Casa de Repouso - ausente de seus móveis, fotografias e relicários. Todavia, o entorno da cama estranha reeditou sua intimidade: apoiados sobre o criado mudo, o menino Jesus e o rádio. Morreu sem nunca ter voltado a seu apartamento.

A paisagem sonora-imagética do consumo do fado

Edgar Morin⁴⁰ atribui, às imagens mágicas evocadas e aos rituais encantatórios, o status de primeiras manifestações do imaginário do *sapiens-demens* - homem desmedido que singulariza a espécie - e que encontra na magia, nos rituais e nas imagens a força para lidar com a consciência de sua mortalidade. Seriam estes os rastros significantes deixados pelos objetos que acompanharam Maria Lurdes até sua morte? A crença na espiritualidade, materializada no menino Jesus ao lado da cama, e a escuta ritual de fados como prática de sobrevivência psíquica, para superar o caos mental da partida e enfrentar os reagenciamentos sociais configurando novos territórios subjetivos e outros vínculos de sociabilidade postos em movimento graças à emigração?

O fado, na condição de mercadoria,⁴¹ materializada na *performance* vocal mediatizada⁴² dos intérpretes celebrados, acionada por locutores-mnemones, para ouvintes em deslocamento, detona seu consumo simbólico e afetivo. Considerando que uma mercadoria é o que pode ser trocado por dinheiro, em sociedades monetárias, iniciando um processo de mercantilização, e que depois da transação, em seu uso, possa ser desmercantilizada.⁴³ Parece ser assim o consumo deste gênero de canção, por meio do rádio, entre ouvintes imigrantes, afinal as mercadorias têm vida, parafraseando Arjun Appadurai⁴⁴ e podem ser biografadas, atentando à sua origem, percurso histórico, suas idades, seus usos, apropriações e transformações. Em

torno delas, afloram emoções, sentimentos e produção de sentidos muito além da mercantilização.

Nesta tessitura material-imaterial fazem-se os regimes de consumo. Programa radiofônico e programação musical se encontram forçosamente imiscuídos a outros objetos, práticas e mitologias, de sorte a configurarem uma ampla paisagem sonora-imagética apontando que “o consumo é um fenômeno sensorial e cognitivo, opera na atualidade como um potente agenciador de ‘estados de espírito’ e não apenas de estilos de vida ou de estilos mentais”⁴⁵.

Em consequência, pode-se pensar que os sons de base da casa portuguesa de Maria Lurdes, em que se fez a escuta radiofônica e os sons produzidos por ela mesma, como ouvinte-mídia, tais quais os ritmos leves na preparação do almoço - bifes de atum dourando no azeite - tilintar de pratos e talheres, pequenas risadas e comentários em solilóquio ou sua voz cantarolando junto ao intérprete que soa do rádio - criaram o “estado de espírito” provocado pelo consumo do fado. Paisagem sonora somada aos rearranjos das lembranças evocadas, imaginadas de modo sempre invencionado, de ruas, marés, vielas, barcos, passeios, familiares, amigos, rotinas, celebrações.

Tanto os aspectos neurobiológicos ou aqueles simbólicos e imaginários que a memória assume, na dimensão cultural, apontam para a movência dos sistemas mnêmicos. Arquivos, monumentos, documentos ou coleções instauram as primeiras configurações sociais da memória⁴⁶ e revelam não apenas uma fixação no espaço e no tempo, codificados pela cultura, mas, sobretudo, a capacidade de deslocamento, de travessia e de ressemantização que palavras, imagens, sons, movimentos, gestualidades, ritmos ou qualquer outro material sógnico realizaram ao longo da história do homem. “Traduzir certo setor da realidade em uma das línguas da cultura, transformá-la numa informação codificada, isto é, num texto, é o que introduz a informação na memória coletiva.”⁴⁷. A escuta ritual no rádio poderá perdurar até a morte. E o fado-fagulha, como texto da cultura e memória, poderá espalhar-se em outras feitura, escutas, espaços, tempos e regimes de consumo.



Artigo recebido em abril de 2012. Aprovado em setembro de 2012.

⁴⁵ KROKER, Arthur; COOK, David. *The postmodern scene*. Montréal: New World Perspectives, 1991, apud ROCHA, Rose M. *Comunicação e consumo: por uma leitura política dos modos de consumir*. In: BACCEGA, Maria Aparecida. (Org.). *Comunicação e culturas do consumo*. São Paulo: Atlas, 2008, p.126.

⁴⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

⁴⁷ MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.38.